



FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: EXPANDINDO A FUNDAMENTAÇÃO E OBJETIVOS DE UMA *PEDAGOGIA REDENTIVA*⁶³

*Solano Portela*⁶⁴

RESUMO: Este artigo apresenta considerações adicionais sobre a filosofia de educação, denominada *pedagogia redentiva*. Ele expande o conceito e utiliza literatura acadêmica recente para validar suas conclusões. Após uma explicação desses termos, a visão de mundo subjacente adotada é descrita, na qual a revelação bíblica é abraçada como a fonte última das verdades proposicionais. O autor trata também das realidades básicas, contidas nas Escrituras, como a da pessoa de Deus, o fator pecado, a questão do conhecimento e outros conceitos-chave para o campo educacional. Seguem-se considerações epistemológicas sobre a mecânica da aprendizagem, também extraídas da Bíblia. Reafirmando um lugar próprio para a escola, o artigo trata do papel do professor e da metodologia do processo ensino-aprendizagem. São apresentadas as relações professor-aprendiz e o impacto da fé cristã no desenvolvimento adequado destas, seguidas de

⁶³ Este artigo expande a base e objetivos do tema *pedagogia redentiva*, já tratado na publicação acadêmica *Fides Reformata* (XIII, No. 2, 2008, pp 125-154) e no livro do autor: *O que estão ensinando aos nossos filhos*. São José dos Campos: FIEL, 2012), p. 270-276. Procura-se também entrelaçar e comparar o que estudos recentes estão postulando como bons princípios pedagógicos com a proposta de uma *pedagogia redentiva*, baseada em conceitos e princípios da Escrituras Sagradas.

⁶⁴ Graduado em Matemática Aplicada (B.A., Magna Cum Laude) pelo Shelton College; Mestre em Divindade (M.Div.) pelo Biblical Theological Seminary; *Litterarum Humanarum Doctor* (L.H.D.), pelo Gordon College; Doutorando em Liderança Educacional pela Liberty University; respectivamente, de Cape May – Nova Jersey; Hatfield – Pennsylvania; Boston – Massachusetts; e Lynchburg – Virginia, nos Estados Unidos. Foi professor-coordenador de Educação Cristã no CPAJ e professor de teologia sistemática no Seminário Presbiteriano José Manoel da Conceição, SP. É professor de Teologia Sistemática na Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FITRef).

considerações sobre como a diversidade é tratada em um contexto cristão. O autor conclui reafirmando os nove pilares fundamentais da *pedagogia redentiva*.

PALAVRAS-CHAVE: Construtivismo, Conhecimento, Pedagogia, Filosofia da Educação, *Pedagogia redentiva*, Papel do Professor, Verdade.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de estudos e pesquisas realizados pelo autor, que tem atuado diretamente no campo educacional por mais de duas décadas e explicita aspectos atualizados na literatura acadêmica pedagógica recente, que devem integrar uma filosofia educacional que flua naturalmente de conceitos cristãos.

A palavra *pedagogia*, em sua concepção inicial, envolve a ideia de liderança – a ciência de *conduzir a criança*.⁶⁵ Infelizmente, a ideia de liderar está muito distante das teorias educacionais contemporâneas. Uma filosofia educacional adequada é construída, essencialmente, na crença *de que o aspecto protagonista* do mestre tem que ser trazido de volta ao processo de ensino-aprendizagem, como bem colocado por Biesta: “Ensinar é ter um significado *além* da facilitação da aprendizagem”;⁶⁶ e o professor é alguém que “tem algo a dizer e algo a trazer”.⁶⁷

O termo *pedagogia redentiva*, como uma conjunção de palavras, tem sido pouco utilizado. Basicamente, essa nomenclatura é apropriada remotamente por alguns teóricos críticos,⁶⁸ nos quais *redentiva* ou *redentora* são palavras utilizadas para identificar a mudança social a partir de uma situação de opressão racial ou econômica por meio de práticas educacionais que libertariam os afrodescendentes de um suposto racismo, classismo, sexismo e heterossexismo.⁶⁹ Também tem sido usado de forma crítica e irônica dos esforços cristãos para ajudar crianças de rua na Europa do século 19.⁷⁰ No sentido cristão, as palavras foram usadas historicamente por Orígenes (184-254), significando ensinar *sobre* a redenção. Parker usa *a pedagogia da redenção* para descrever o trabalho cristão

⁶⁵ Na língua grega, “liderar” significa “liderar ascendentemente”, ἀνάγω. O verbo grego ἄγω, *ágo*, “liderar”, ou “eu lidero”, que compõe a palavra, está inserida na palavra *pedagogia*.

⁶⁶ BIESTA, G. J. J. Receiving the gift of teaching: From “learning from” to “being taught by”. *Studies in Philosophy and Education*, v. 32, n. 5, p. 456, 2013. doi:10.1007/s11217-012-9312-9.

⁶⁷ Ibid., p. 458.

⁶⁸ WALTERS, I. H. *Education in the cultural politics of the African diaspora: Critical redemptive pedagogy for social justice*. New York: Peter Lang, 2008. ISBN 1433103206, 978-1433103209; WALTERS, I. H. *Redemptive pedagogy: Education and cultural politics*. Bloomington: iUniverse, 2010. ISBN 1440176973, 978-1440176975.

⁶⁹ WALTERS, I. H. *Redemptive pedagogy: Education and cultural politics*. Bloomington: iUniverse, 2010. ISBN 1440176973, 978-1440176975.

⁷⁰ GONZÁLEZ-FARACO, J. C.; GRAMIGNA, A. Learning marginality. *History of Education Review*, v. 41, n. 1, p. 38-51, 2012. doi: 10.1108/08198691211235563.

com meninas encarceradas;⁷¹ e Graham escreveu o *ensino de forma redentiva* como uma tentativa de motivar os professores a incorporarem a fé na prática do ensino.⁷²

O rótulo de uma filosofia da educação como *pedagogia redentiva* tem o propósito de usar esses termos com seu significado bíblico: redenção como resgate de vidas. Redenção de conceitos e processos de uma situação desesperadora de visões de mundo onde Deus está ausente e onde o pecado é mera idiosincrasia de alguns pensadores. A *pedagogia redentiva* objetiva realizar esse resgate através da aplicação de práticas e materiais didáticos e educacionais harmônicos com as Escrituras. Assim, a *pedagogia redentiva* é o desenvolvimento de uma pedagogia da educação cristã que procura ser coerente com a compreensão do conhecimento e da verdade, conforme encontrados na revelação bíblica, e trata de todas as disciplinas como provenientes do Doador de conhecimento para a humanidade. Isso tem que ser acompanhado por um forte senso de propósito, para que as vidas não sejam apenas tecnicamente equipadas, mas também verdadeiramente transformadas, à medida que o Espírito Santo abençoa esse processo de ensino-aprendizagem.

COSMOVISÃO E FILOSOFIA DE VIDA

Moreland⁷³ fala sobre a falta de uma mensagem cristã relevante para um mundo e uma sociedade em crise, em que o cristianismo foi empurrado para um canto e se tornou apenas uma religião individual. A comunidade cristã, porém, tem que ter o seu entendimento adequado sobre a revelação geral, criação, experiência religiosa e a inerrante Palavra de Deus, para que possa ser transmissora de conhecimento religioso, ético e se comunicar eficazmente com o mundo.⁷⁴ O desenvolvimento de uma filosofia cristã da educação tem, portanto, de ser pessoal na medida das convicções, mas bem fundamentada, tanto nas Escrituras como na adoção das melhores metodologias, a fim de que possa ser genericamente aplicada fora da esfera pessoal.

Uma abordagem cristã da educação escolar deve levar em conta o entrelaçamento de todas as áreas do conhecimento com a verdade da existência do Deus Criador e com a revelação propositiva encontrada nas Escrituras. As teorias educacionais atuais rejeitam a noção de Deus, a realidade do pecado e a existência de absolutos, mesmo que possam visar a transformação de pessoas.

⁷¹ PARKER, E. L. *Pedagogy of redemption with incarcerated girls: Teaching them self-worth, as God's creatures*. In: JANSSEN, D. (Ed.). *Educating for redemptive community: Essays in honor of Jack Seymour and Margaret Ann Crain*. Eugene: Wipf and Stock, 2015. p. 111-123.

⁷² GRAHAM, D. L. *Teaching redemptively: Bringing grace and truth into your classroom*. Colorado Springs, CO: Purposeful Design Publications, 2003. ISBN 1583310584; 978-1583310588.

⁷³ Moreland, J. P. *Kingdom triangle*. Grand Rapids: Zondervan, 2007.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 130.

Mesmo escolas e professores cristãos podem ter respostas inadequadas e metodologias confusas a um mundo que jaz em trevas. É possível discernir pontos de contato pedagógicos com referenciais teóricos educacionais contemporâneos, mas educadores cristãos devem analisá-los à luz das Escrituras e desenvolver uma pedagogia específica da educação cristã: uma *pedagogia redentiva*, que aplique a ideia de redenção, não apenas ao processo de ensino-aprendizagem, mas também, individualmente, a professores e alunos.

Na *pedagogia redentiva*, Deus é real, a criação é real, o pecado é real e o conhecimento não é apenas uma possibilidade real, mas um mandamento dado por Deus à humanidade (Gn 1.28). O mandato de subjugar a criação dá legitimidade a todas as profissões, bem como à prática da educação escolar cristã em um sentido *redentivo*. O pecado é a realidade, comprovada pela história registrada (Gn 3) e pela apreensão empírica perene, mas o mundo que está no pecado rejeita Deus, que é a realidade sempre presente. O pecado leva a escolhas erradas feitas pelos seres humanos, distorce princípios e valores e afasta as pessoas de Deus e de seu caminho original (Rm 3.23). No entanto, crentes e descrentes foram feitos à imagem de Deus. Esse é o grande ponto de contato para ensinar o conhecimento centrado em Deus, não apenas para a salvação pessoal, mas também para a compreensão da criação física. A humanidade tem dignidade inerente e a capacidade de conhecimento, como ensina o Salmo 8.5, que Deus fez o homem (pessoas) e “de glória e honra o coroaste” (Nova Almeida Atualizada, NAA). O verdadeiro conhecimento é, portanto, realidade e não apenas uma possibilidade, e a convicção dessas realidades (Deus, pecado, conhecimento, capacidade de ensinar e aprender) é o que tem movido educadores cristãos, como Comenius⁷⁵ e os reformadores. Gênesis 2.19-20 mostra essa estrutura de *conhecimento humano*, descrevendo os esforços filológicos e taxonômicos de Adão. Ele exerceu seu intelecto e poderes cognitivos para classificar e nomear “todos os animais domésticos, as aves dos céus e a todos os animais selvagens” (NAA).

Essas realidades fornecem uma axiologia com pontos de verificação através dos quais a coerência de um quadro proposto pode ser avaliada. Os educadores teóricos às vezes defendem uma suposta neutralidade em seus esquemas, ou em seus currículos, e a humanidade é apresentada como a fonte última e o fim de todas as coisas. Essa posição, no entanto, não leva em conta a relação vertical de tudo e de todos com Deus. Leva o professor a apresentar apenas uma parte da realidade, e mesmo assim, muitas vezes, uma realidade distorcida, como sendo o todo dela. Finge educar as pessoas para a vida, mas nega os aspectos transcendentais do Universo. O filósofo cristão Gordon Clark (1902-1985) escreve que “a neutralidade é impossível” e que “o sistema escolar que

⁷⁵ GUTEK, G. L. *Historical and philosophical foundations of education: A biographical introduction*. 5 ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2011. p. 133-135.

ignora Deus ensina seus alunos a ignorar Deus; e isso não é neutralidade. É a pior forma de antagonismo, pois julga Deus como não importante e irrelevante aos assuntos humanos. Isso é ateísmo” (1988, p. 73).

A *pedagogia redentiva* declarará sem remorso sua não neutralidade e abraçará transparentemente as premissas filosóficas da fé cristã como um eixo conceitual que dá estrutura ao conhecimento e, em última instância, à vida. É a abordagem educacional que tentará discernir os verdadeiros conteúdos e apresentá-los em sua forma mais objetiva possível, filtrando biblicamente as más influências filosóficas que confundem mentes no campo da educação e postulam pensamentos e teorias como se fossem fatos, ou o resultado de observações científicas.

FILOSOFIA DAS ESCOLAS E DA APRENDIZAGEM

A *pedagogia redentiva*, construída sobre fundamentos bíblicos, é um contraponto aos referenciais teóricos contemporâneos que levam em conta exatamente a visão oposta. Eles negam o fator pecado, negam uma origem divina do *conhecimento*, admitem um Deus, ou deuses, como uma questão devocional pessoal e postulam uma formação aleatória e progressiva do universo, descartando uma criação operada por Deus. Por exemplo, o construtivismo, o *neoconstrutivismo*, a educação progressista e afins consideram que o conhecimento é algo privado, particular, que se constrói internamente. As visões educacionais predominantes consideram que o indivíduo gera seu próprio conhecimento.⁷⁶ Para os construtivistas, “os aprendizes não são... receptores do conhecimento fornecido pelo instrutor”⁷⁷ (Ültanır, 2012, p. 205). Assim, o conhecimento não é algo descoberto e muito menos transmitido, mas “um processo... uma relação entre o conhecedor ativo e o conhecido”.⁷⁸ Muitos educadores sequer questionam esse pressuposto, justamente criticado por alguns autores cristãos, como Van Brummelen, que demonstra a incompatibilidade dessa posição com a concepção cristã tradicional de que “o conhecimento pode ser adquirido através dos sentidos e, assim, leva a uma imagem do mundo real”.⁷⁹

Em sua apreensão da verdade, a *pedagogia redentiva* opõe-se à “negação da verdade cognoscível” pós-moderna e construtivista, como registram

⁷⁶ ÜLTANIR, E. An Epistemological glance at the constructivist approach: Constructivist learning in Dewey, Piaget, and Montessori. *International Journal of Instruction*, v. 5, n. 2, p. 197, 2012. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED533786>.

⁷⁷ Ibid., p. 205.

⁷⁸ Miller, P. H. Theories of developmental psychology. 5. ed. New York: Worth Publishers, 2011. p. 33. ISBN 9781429216340.

⁷⁹ VAN BRUMMELEN, H. *Steppingstones to curriculum: A biblical path*. 2 ed. Colorado Springs: Purposeful Design, 2002. p. 32. ISBN 9781583310236.

DeLashmutt e Braund.⁸⁰ Esses autores demonstram como a educação pós-moderna, com sua noção de que o conhecimento é um “construto social” e apenas significativo para a própria realidade, elimina “regras e práticas estabelecidas em várias disciplinas” e não permite que os educadores digam aos alunos que suas conclusões estão “erradas”.⁸¹ A verdade é, no entanto, algo objetivo, universal e não totalmente subjetivo. Ela pode ser alcançada e não se reduz a algo indefinido ou a uma mera sombra da realidade.

Conhecimento e verdade são algo objetivo ou detectável pela transmissão. Em 2Timóteo 2.2, Paulo estabelece essa transmissão de conhecimento e verdade de pessoa para pessoa, de geração para geração. Colossenses 1.17 e Hebreus 1.3 nos ensinam que em Jesus Cristo temos verdade. Van Brummelen especifica que Cristo “é o sentido do mundo” e que “toda coisa criada aponta além de si mesma para Cristo, que mantém o mundo unido”.⁸² Os cristãos “veem o mundo de forma muito diferente, e todos os crentes precisam estar preparados para defender a razão pela qual acreditam que a verdade é absoluta, disponível e verdadeira – para todos”.⁸³

Uma filosofia de educação adequada leva em consideração a ênfase da Reforma do século 16, especialmente a contida nos escritos e ensinamentos de João Calvino,⁸⁴ no estudo, no conhecimento e na alfabetização. Ele considerava esses fatores um direito e um dever de todos, e não apenas de uns poucos privilegiados. Para Calvino, a escola é mera consequência de seguir os mandamentos de Deus e, portanto, ele tomou medidas concretas para estabelecer a Academia de Genebra. Toda tarefa exercida pelas pessoas, para Calvino, é o seguimento de um chamado divino, e a laboriosidade é agradável a Deus; a educação em todas as áreas do conhecimento possibilita a realização de todo o potencial de uma pessoa, e isso é redenção em uma dimensão abrangente.

Os cristãos não deveriam ter outra opção, senão o envolvimento em uma análise de todos os aspectos da vida e da instrução recebida e ministrada, através das lentes das Escrituras, resistindo corajosamente até mesmo à rejeição injustificada proveniente de círculos acadêmicos. O filósofo holandês Herman Dooyeweerd (1894-1977) expressou bem essa visão adotada pela *pedagogia redentiva* ao dizer que “a filosofia cristã não deve hesitar na aceitação da ‘ofensa

⁸⁰ DELASHMUTT, G.; BRAUND, R. Postmodern impact: Education. In: MCCALLUM, D. (Ed.). *The death of truth: Finding your way through the maze of multiculturalism, inclusivism, and the new postmodern diversity*. Minneapolis: Bethany House, 1996. p. 120.

⁸¹ Ibid., p. 121.

⁸² VAN BRUMMELEN, H. *Steppingstones to curriculum*. p. 77.

⁸³ MCLELLAN, A. *A jigsaw guide to making sense of the world*. Downers Grove, IL: IVP Books, 2012, p. 55.

⁸⁴ GUTEK, G. L. *Historical and philosophical foundations of education: A biographical introduction*. 5 ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2011. p. 107-127.

da cruz' como pedra angular de sua epistemologia; e, ao fazê-lo, tenha consciência de que corre o risco de ser incompreendida e dogmaticamente rejeitada".⁸⁵

A busca de uma perspectiva cristã única para a educação, como uma *pedagogia redentiva*, não deve impedir que se examine qual verdade, concedida pela graça comum de Deus, pode haver em outras escolas de pensamento. No entanto, o pedagogo ou pesquisador cristão deve ser sempre crítico ao analisá-las, com base nas premissas encontradas nas Escrituras. Por exemplo, a zona "*desenvolvimental proximal*", proposta por Vygotsky⁸⁶ pode ser entendida, de um ponto de vista cristão, como a atribuição de uma área operacional própria aos professores.⁸⁷

Mesmo alguns teóricos da chamada "escola crítica", com sua aceitação de impossibilidade de neutralidade na educação, podem nos fazer reconhecer que os cristãos podem e devem influenciar o currículo e as políticas com sua visão de mundo. Nesse sentido, surpreendentemente, até o marxista Paulo Freire especifica a "impossibilidade da neutralidade em educação"⁸⁸ (naturalmente, para defender o seu viés e abordagem pedagógica). Para Freire, o professor tem que se aperceber que, "por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição";⁸⁹ e afirma: "Neutra, 'indiferente'... a educação jamais foi, é ou será".⁹⁰ Cristãos devem também explicitar essa ausência de neutralidade, apresentando e defendendo os pressupostos da revelação divina.

A *pedagogia redentiva* reconhece que a responsabilidade básica pela educação de uma criança é dos pais, mas também que pode haver instituições (escolas) que podem auxiliá-los nessa tarefa tão elaborada. A complexidade da vida contemporânea e a multiplicidade de matérias que precisam ser ensinadas e aprendidas naturalmente levam à escola uma melhor alternativa para o ensino geral. Em nosso contexto contemporâneo, a validade da educação escolar cristã, administrada por uma instituição comprometida com princípios e diretrizes

⁸⁵ SPIER, J. M. *An introduction to Christian philosophy*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1954. p. 155. ISBN 0934532257.

⁸⁶ VYGOTSKY, L. *Mind in society: the development of higher psychological processes*. Cambridge: Harvard University Press, 1978. p. 86.

⁸⁷ Lev Semyonovich Vygotsky (1869-1934) foi primariamente um psicólogo russo (depois estudou direito) e não um pedagogo. Nasceu no mesmo ano de Piaget (1896), mas faleceu aos 38 anos. Ambos são teóricos do desenvolvimento cognitivo. Muito influenciado por Espinoza (estudo das emoções humanas), foi quase desconhecido no ocidente até a década de 1980. Seu trabalho é eivado de neologismos (prática adotada com apreço por muitos filósofos e teóricos educacionais), entre os quais a "*zona desenvolvimental proximal*", que é aquele espaço que separa o aluno do que ele já conhece, para o que conhecerá. Este espaço, segundo Vygotsky, se constitui na área de atuação legítima do professor ou professora, para impelir o aluno ao salto necessário.

⁸⁸ FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 126.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 115.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 111.

bíblicas, dificilmente pode ser contestada, mesmo em meio ao crescente interesse pelo *homeschooling*.⁹¹

PRÁTICA E METODOLOGIA INSTRUCIONAL

A prática da docência tem sido contemporaneamente reduzida à tarefa de *facilitar*; e o papel do professor, pela maioria dos teóricos da educação, é levado a ser meramente o papel passivo de facilitador. O professor tem que gerenciar as atividades, os materiais, a atmosfera social e o ambiente para que a aprendizagem possa ser produzida de forma autônoma. Em uma visão ligeiramente melhorada dessa situação, teríamos o papel do professor como mediador.⁹² Biesta, tratando especificamente do construtivismo, indica que teóricos educacionais abandonaram a noção de que “os professores têm algo a ensinar e que os alunos têm algo a aprender com seu ensino”.⁹³ Thompson questiona a *educação progressista*, que rebaixa o professor, que não é visto como “transmissor do conhecimento”, enquanto as crianças “são as criadoras subjetivas de seu próprio conhecimento”.⁹⁴

A *pedagogia redentiva* tentará resgatar o papel do professor do esquecimento atual e colocá-lo, mais uma vez, no centro do processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que considera os alunos as pessoas mais importantes em um contexto escolar. A tarefa da educação só é concluída depois de verificar que o conhecimento pretendido foi assimilado por seus alunos. Os professores cristãos, porém, têm de estar equipados com as ferramentas certas. Essa filosofia da educação considera que os manuais escolares cristãos são uma parte não substituível da estratégia de ensino. Esses livros tratarão de toda a realidade e, naturalmente, darão sentido ao mundo físico e ao mundo do pensamento, considerando a existência de Deus, sua providência na história e sua comunicação ao homem. Esse processo educativo não apenas inserirá a Bíblia, ou textos bíblicos aqui e ali, mas permitirá que as doutrinas e verdades cristãs permeiem todas as áreas do conhecimento, com veracidade e honestidade.

A *pedagogia redentiva* considera que a visão atual da educação escolar cristã, especialmente na América do Norte, que depende de cada professor individual para projetar seus próprios currículos, coloca uma carga injusta sobre

⁹¹ FEINBERG, E.; LIPS, D. Homeschooling: A growing option in American education *Backgrounder*, [s. l.], v. 4, n. 2122, 3 abr. 2008, p. 1-8. Disponível em: <www.heritage.org/Research/Education/bg2122.cfm>.

⁹² DE WAAL, E.; GRÖSSER, M.; PRETORIUS, Y. The changing role of teachers: Transmitters of knowledge and/or mediators of learning? In: Conference research paper presented at the EASA Conference, South Africa, 2010. Disponível em: <<http://marygrosser.co.za/uploads/presentations/2010%20De%20Waal%20Grosser%20Pretorius%20EASA.pdf>>.

⁹³ BIESTA, G. J. J. *Receiving the gift of teaching*, p. 451.

⁹⁴ THOMPSON, C. B. Our killing schools. *Soc Society*, 2014, v. 51, n. 3, p. 212. doi:10.1007/s12115-014-9767-0.

os professores, exigindo uma experiência que deve ser dominada por um grupo qualificado e especializado (autores de livros didáticos cristãos e de currículos cristãos). Essa situação desvia o foco da tarefa própria de ensino, que é a transmissão de conhecimento, do uso das melhores metodologias e da construção de relacionamentos, algo tão importante no processo educacional.

A *pedagogia redentiva* é realista e sabe que, mesmo que existam livros didáticos cristãos, eles podem não ser consistentemente aplicados, academicamente sólidos ou harmônicos no manejo dos princípios cristãos. Uma pesquisa qualitativa feita em escolas cristãs no Estado da Virgínia, onde 60% delas usavam livros de editoras cristãs, revelou que muitos desses livros mostravam falta de fidelidade bíblica, e que “há uma frequência muito alta, talvez até inaceitavelmente alta, de livros didáticos seculares usados nas escolas cristãs pesquisadas”.⁹⁵

Além disso, existem muitos outros aspectos práticos que um bom professor incorporará em suas atividades de ensino: atividades de campo – que podem desvendar a maravilha da criação de Deus; projetos interdisciplinares ou multidisciplinares – que possam fundamentar a unidade do conhecimento, e como ele procede de um Criador; projetos e atividades em grupo – que irão valorizar e desenvolver a cooperação, integração e respeito mútuo entre os alunos etc. Todas essas técnicas são metodologias de aprendizagem, e um professor cristão será mais eficaz se seu tempo for aplicado na elaboração dessas estratégias, na certeza de que o conteúdo a ser ensinado foi bem desenvolvido e bem integrado com verdadeiras realidades transcendentais, que correspondem às suas crenças cristãs. Professores mais felizes e alunos mais bem preparados são os resultados esperados, se os professores forem trazidos de volta a esse papel central.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Considerar o professor não apenas como facilitador ou mesmo mediador, mas como mestre em sua área de atuação, restaura sua dignidade. Os professores cristãos também têm muitas outras tarefas. Eles devem estar cientes de que ajudar os alunos está na essência do chamado, e isso envolve pacificação e conciliação de diferentes pontos de vista. A comunicação é uma habilidade necessária, ao mesmo tempo em que se vê cada aluno, por mais difícil que seja, como portador da imagem de Deus, com valor e dignidade inerentes (Sl 8). Os pais não são inimigos, mas a fonte de autoridade sobre seus filhos, e precisam estar na mesma página. Ações colaborativas precisam ser incentivadas com o objetivo de

⁹⁵ COX, W. F.; HAMELOTH, N. J.; TALBOT, D. P. Biblical fidelity of Christian school textbooks. *Journal of Research on Christian Education*, v. 16, n. 2, p. 186, 2007. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10656210701647498#.VrKI-rlrLEY>>

alcançar o desenvolvimento e o progresso dos alunos. A parceria dos pais é essencial para reforçar as regras e a disciplina de uma escola.

Alunos precisam de orientação e anseiam por uma mente estável e por modelos. Nessa era de prêmios Nobel para compositores,⁹⁶ pode-se lembrar uma música “*Rap*”, que ganhou o prêmio Grammy de 1995. Escrita por Artis Ivey, Jr. (nome artístico: Coolio), essa música expressa bem o niilismo e desespero que toma conta das mentes que clamam por orientação, mas são abandonadas a construir autonomamente o seu futuro. Um trecho dela diz:⁹⁷

<i>They say I've got to learn,</i>	Eles dizem que eu preciso aprender,
<i>But nobody's here to teach me.</i>	Mas ninguém está aqui para me ensinar.
<i>They think they understand,</i>	Eles acham que entendem,
<i>But how can they reach me?</i>	Mas como podem me alcançar?
<i>I guess they can't,</i>	Acho que eles não podem,
<i>I guess they won't</i>	Acho que eles não o farão.

A *pedagogia redentiva* se esforçará para ter professores cristãos sensíveis que estarão lá para *ensinar* e para *alcançar*. Esses professores serão equipados para que possam *seguir* a abençoada missão dada por Deus, que lhes foi transmitida.

DIVERSIDADE

O termo diversidade não é aqui trazido com referência a políticas de inclusão de orientação sexual e identidade de gênero (*Sexual Orientation and Gender Identity – SOGI*), mas é relacionado com o fato de que as pessoas são diferentes umas das outras (singularidade) e algumas possuem necessidades especiais que requerem atenção (e devoção) intensa. Rebores⁹⁸ aponta que o reconhecimento do valor da diversidade é essencial para uma educação efetiva. Outros consideram a gestão da diversidade como uma das coisas mais importantes em liderança organizacional.⁹⁹ Qualquer filosofia legitimamente cristã de educação deve aceitar a diversidade, especialmente porque Deus a

⁹⁶ O cantor e compositor Bob Dylan (música folk), recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 2016, pela “poesia de suas músicas”.

⁹⁷ IVEY JR., A. *Gangsta's Paradise*, 1996. Disponível em: <https://play.google.com/music/preview/TzsgtI3xhbeldutbdo2cbe3l46a?lyrics=1&utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=lyrics&pcampaignid=kp-lyrics>

⁹⁸ REBORE, R. W. *The ethics of educational leadership*. 2. ed. Upper Saddle River: Pearson, 2014. p. 4. ISBN 9780132907101.

⁹⁹ BLACKABY, Henry; BLACKABY, Richard. *Spiritual leadership: moving people on to God's agenda*. Nashville: B&H Publishing Group, 2011, p. 10.

abraça e está reunindo um povo de “todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7.9 – NAA). Existe uma riqueza de conhecimentos que pode melhorar o processo educacional, quando entrelaçada à diversidade cultural. A educação redentiva se esforçará para extrair todos os aspectos benéficos da diversidade, e ir além da diversidade cultural, para incluir os vulneráveis, os desfavorecidos ou aqueles que têm impedimentos e necessidades especiais, como temos em Isaías 35.5-6, um texto que é ilustrado por Jesus, quando ele diz: “Saia depressa para as ruas e becos da cidade e traga para cá os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos” (Lc 14.21 – NAA).

A *pedagogia redentiva* mergulhará nessa diversidade cultural e étnica atual e levará professores e auxiliares educacionais a reconhecerem as diferenças, mas também se esmerará em capacitá-los a superar barreiras. Olhará para a diversidade como um novo recurso para o conhecimento e a utilizará para incutir nova vitalidade na vida escolar. Professores que sabem que cada ser humano é único e individualmente identificável, quanto às suas diferenças, avanços ou impedimentos, avaliarão constantemente os estágios acadêmicos e cognitivos atuais dos alunos e projetarão programas de correção para melhorar seu desempenho; ou fornecerão maneiras de avançar ainda mais aqueles que têm capacidades que excedem as de outros alunos. A diversidade é uma realidade atual e vai aumentar nos próximos anos.

NOVE PILARES FUNDAMENTAIS DE UMA *PEDAGOGIA REDENTIVA*

A *pedagogia redentiva*, que leva em conta todos os aspectos metafísicos, epistemológicos e empíricos mencionados, é construída sobre pelo menos nove pilares fundacionais, cuja descrição contribui para a compreensão de todo o conceito e dará propósito e direção às práticas educativas.¹⁰⁰ São eles:

O alicerce metafísico – Existe Deus e, conseqüentemente, existe realidade e verdade. Esse Deus não é uma abstração ou projeção humana, mas é o Deus trino Criador, que se revela na Escritura e interage com a sua criação. Essa realidade última é a grande âncora metafísica da educação cristã e da *pedagogia redentiva*.

O alicerce epistemológico – A intersecção da divindade com o mundo físico se dá na pessoa de Jesus Cristo. Ele, com a sua humanidade e divindade integrais, é perceptível verazmente pelo poder do Espírito Santo, na vida de muitos, e na vida de todos, criados à imagem e semelhança de Deus, pela ação da chamada graça comum de Deus. Essa graça comum é o meio no qual floresce todo conhecimento¹⁰¹ e se espraia toda verdade. A *pedagogia redentiva* constata que

¹⁰⁰ PORTELA, Solano. *O que estão ensinando aos nossos filhos*. São José dos Campos: FIEL, 2012. p. 273-276. ISBN 978-85-8132-032-8.

¹⁰¹ Cujá fonte é Cristo: “em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2.3).

é possível conhecer verdades, mesmo àqueles que afirmam rejeitar a Deus. Ela reconhece a impossibilidade de conhecimento exaustivo, mas não rejeita a possibilidade de conhecimento verdadeiro. Constata a impossibilidade, por nossa finitude, do conhecimento *in totum*, de todos os detalhes; mas afirma que, no que nos é dado conhecer, temos meios de aferição para constatar se estamos manuseando, ou não, as verdades.

O alicerce ontológico – Reconhece a singularidade das pessoas, tanto alunos quanto professores. Não interpreta as peculiaridades individuais como sendo soberanas e objetivo máximo de vida, às custas das responsabilidades sociais – o que gera egoísmo; mas a *pedagogia redentiva* vê cada indivíduo como precioso em si mesmo, por ter sido formado à imagem e semelhança de Deus.

O alicerce nomístico¹⁰² – Acata a existência de uma lei objetiva, de valores absolutos. Enquanto reconhece as peculiaridades dos usos e costumes nas diferentes eras e civilizações, reconhece a existência de absolutos que unem todas as culturas. Deus é justo – e tem leis objetivas para a sua criação. A *pedagogia redentiva* interpreta corretamente a questão da autonomia – não como sendo independência da lei, ou negação desta, mas como a possibilidade de internalizar o seguimento de lei e normas por convencimento próprio e por constatação de sua adequação ao melhor da vida própria e em sociedade.

O alicerce ético – Esse é paralelo/sequencial ao alicerce anterior. A *pedagogia redentiva* aceita a ética, a possibilidade de julgamento do certo e do errado, como algo objetivamente exequível, pois é derivada dos absolutos da lei moral de Deus. Compreende que normativas sociais são mutantes e desejos pessoais são aleatórios, mas valores eternos transcendem indivíduos e vidas e entrelaçam as gerações, refletindo a consciência moral de cada indivíduo, a qual, por sua vez, procede de Deus.

O alicerce relacional – A *pedagogia redentiva* relaciona¹⁰³ uma área de conhecimento com a outra. Identifica unidade de conhecimento, por procedência e propósito. Atende às constatações pedagógicas da transdisciplinaridade, da transversalidade, relacionando todas as áreas de conhecimento, umas com as outras e todas com uma fonte única de conhecimento, que no campo cristão identificamos com o Criador, o Deus da Bíblia. Esse Deus se relaciona conosco, como já especificamos no alicerce metafísico; e cada um de nós, uns com os outros, no magnífico caráter orgânico que possui a criação.

¹⁰² Do grego *νόμος* (*nomós*): lei.

¹⁰³ Relacional: palavra mal utilizada por círculos teológicos contemporâneos, que colocam o relacionamento da Divindade com a criatura como algo supremo, que reina acima dos atributos divinos e anula ou suplanta a capacidade de conhecimento e de planejamento do Criador, com o propósito de que tais relacionamentos com as pessoas sejam “autênticos”. Este artigo utiliza o termo para expressar relacionamentos (sobreposições e equivalências) entre áreas de conhecimento e entre pessoas, sem maiores conotações filosóficas.

O alicerce metodológico – Trabalha o processo educacional do conhecimento, manuseando com cuidado e carinho as pedras do conhecimento. Resgata o papel do professor. Mais do que mero “facilitador”, ele é mestre e conhecedor do que ministra. Resgata a objetividade do conhecimento – ele é transmitido, sim, e não formado por geração espontânea na mente dos alunos. No entanto, baseado no alicerce ontológico, que vê a singularidade de cada aluno, trabalha as pérolas do saber na vida de cada, despertando o interesse pelo fluxo, auxiliando na contextualização delas com as experiências, o *habitat*, e o complexo social de cada um, de tal forma que a internalização do conhecimento é real e relevante e não simplesmente teórico e abstrato. A *pedagogia redentiva*, ao mesmo tempo em que rejeita as ideias que apresentam a construção do conhecimento – como se esse fosse autônomo e o professor até um empecilho a tal construção –, abraça a ideia da construção **do entendimento**. Essa construção é representada pelo processo crescente de relacionamento do que foi ministrado com a capacidade de apreensão ou contexto singular de cada aluno.

O alicerce estético – A *pedagogia redentiva* reconhece que a vida não possui apenas uma dimensão utilitária, mas leva à apreciação das artes, da música, das belezas e aspectos estéticos que igualmente procedem do Criador. Ensina critérios objetivos de avaliação, de tal forma a fugir da falácia contemporânea, de que qualquer expressão pessoal não precisa ter mérito intrínseco de singularidade, harmonia ou beleza, para ser caracterizada como arte. Nesse sentido relaciona arte com uma melhor compreensão das pessoas e da humanidade.¹⁰⁴

O alicerce teleológico¹⁰⁵ – Vê o ensino como tendo propósito. Esse propósito é tornado relevante ao aluno, pelas consequências da sua negligência a ele; bem como pela recompensa de sua assimilação. Procurando o encaminhamento do processo educacional em passos gradativos, mas compreensíveis ao progresso individual, a *pedagogia redentiva* vai demonstrando que todas as pessoas têm propósitos, com suas vidas; que esses propósitos transcendem a mera busca da felicidade individual (contrariando o hedonismo da nossa era); se espalham em uma conscientização social e um desejo de convivência fraterna na coletividade; culminando na constatação de que existe algo maior para a vida de cada um – o reconhecimento da fonte da vida, do

¹⁰⁴ As palavras do famoso pedagogo Edgard Morin se encaixam bem nessa percepção e são acatadas tranquilamente pela *pedagogia redentiva*: “As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana”. Nessa citação, quando ele qualifica tais obras como “grandes”, está implícita a existência de um padrão de julgamento, que contraria a passividade dos nossos dias, onde “tudo é cultura” (Morin, E. *A Cabeça Bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. 27 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 45).

¹⁰⁵ Do grego **τέλος** (télos): “fim, finalidade”, “propósito”.

conhecimento, das bênçãos, daquele que satisfaz a necessidade de comunhão eterna com o Criador – Cristo Jesus.

CONCLUSÃO

A filosofia de educação – *pedagogia redentiva* – aqui descrita tenta passar de verdades simples, mas negligenciadas, para o conhecimento complexo e necessário. Ela se propõe a trazer esperança, pois separa grandes áreas a serem conquistadas em pequenos passos, avaliando o que foi ensinado, com *feedback* constante aos alunos sobre os conceitos escolhidos a serem assimilados, e com o estabelecimento de metas para realizar o verdadeiro progresso, porque se constrói sobre o que foi solidificado. A *pedagogia redentiva* deseja trazer plena satisfação à alma, promovendo os alunos por mérito, e não apenas transpondo para as séries mais avançadas aqueles que não foram capazes de “construir” seus próprios conhecimentos. A *pedagogia redentiva* aprecia e constrói sobre o conhecimento comum, entendendo que onde quer que a sabedoria apareça, ela é um dom de Deus.¹⁰⁶ No entanto, ela trata a sabedoria do mundo com muito cuidado para não absorver aquilo que dispersa, destrói ou se desvia do caminho preparado por Deus para a humanidade. Em última análise, a recompensa da *pedagogia redentiva* seriam não apenas pessoas educadas adequadamente e preparadas para a vida, mas pessoas com mentes e almas transformadas, redimidas pelo precioso sangue de Cristo.

ABSTRACT: This article contains a further presentation of a philosophy of education, called *redemptive pedagogy*, a theme developed by the author since 2008. It expands the concept and uses up-to-date academic literature to validate his conclusions. After an explanation of these terms, the underlying worldview is described where biblical revelation is assumed as the source of ultimate propositional truths and the basic realities of God, sin, knowledge, and other key concepts for education. This is followed by epistemological considerations on the mechanics of learning, also drawn from Scripture. Reaffirming a proper place for the school, the paper deals with the role of the teacher and the methodology of the teaching-learning process. Teachers-learner relationships and the impact of the Christian faith on the proper development of these, are treated, followed by considerations about how diversity is handled in a Christian context. The author concludes by re-stating the nine foundational pillars of *redemptive pedagogy*.

KEYWORDS: Constructivism, Knowledge, Pedagogy, Philosophy of Education, Redemptive Pedagogy, Teacher Role, Truth

¹⁰⁶ SIBBES, R. *A Christian's portion*. In: Works of Richard Sibbes, vol. 4, p. 2-38. Edinburgh: Banner of Truth, 1973. ISBN 978-0851513980.